

Eucaristia: mesa e memorial - a mesa do povo de Deus

Eucharist: table and memorial - the Table of the People of God

Washington da Silva Paranhos
Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE, Brasil

Resumo

Quero colocar esta minha contribuição diante da realidade que estamos atravessando -, o drama da pandemia; da falta de compaixão das autoridades que desconsideram a questão dos alimentos enquanto tantos irmãos carecem do sustento cotidiano; da não compreensão por boa parte dos cristãos do real sentido da mesa eucarística e, finalmente, da crescente retomada da cristandade em muitos grupos reivindicam o direito à eucaristia, mas ainda não compreendem o que ela de fato significa. Em meio a esses desafios, lembramos também da preparação para o XVIII Congresso Eucarístico Nacional que, devido à pandemia, foi transferido para o próximo ano e tem como tema “*Pão em Todas as Mesas*” e o lema “*Repartiam o Pão com alegria e não havia necessitados entre eles*”. O propósito, de acordo com dom Fernando Saburido, é “promover a comunhão das Igrejas em torno da Eucaristia, no desejo de que esse evento, que reúne o Brasil em terras do Nordeste, nos leve a entender que o ‘Pão da Vida’ move a Igreja a sair de si, das zonas de conforto, para alcançar as periferias existenciais bem lembradas pelo Papa Francisco”. Esta contribuição constará de três partes. Na primeira será aberto um espaço para o sentido da mesa no contexto da Sagrada Escritura. Buscamos fazer uma reflexão fenomenológica sobre o alimento social, familiar, pessoal. Num segundo momento, desenvolvemos um breve comentário de algumas passagens do Antigo e Novo Testamento sobre comensalidade e Eucaristia e finalmente, vem proposta uma reflexão sobre a eucaristia como memorial.

Palavras-chave

Eucaristia.
Mesa.
Memorial.
Bíblia.

Abstract

My contribution, confronted by this reality we are living through - the pandemic drama - will consist of; firstly, the fact that there is a lack of compassion among authorities who disregard the issue of food while so many brothers and sisters lack daily sustenance; secondly, there is a failure of many Christians to understand the real meaning of the Eucharistic table and, finally, there is a growing return to Christendom in many groups claiming the right to the Eucharist, but they still do not understand what it really means. In the midst of these challenges, we also remember the preparation for the XVIII National Eucharistic Congress, which, due to the pandemic, has been transferred to next year and whose theme will be “Bread at Every Table” and the motto is “They shared the Bread with joy and there were no needy among them”. The aim, according to Bishop Fernando Saburido, is “to promote the Churches’ communion through the Eucharist, with the desire that this event, which will meet in Northeast Brazil, leads us to understand that the ‘Bread of Life’ moves the Church to go out of itself, from its comfort areas, to reach the existential peripheries in the words of Pope Francis”. This contribution will consist of three parts. In the first, a space will be opened for the meaning of the table in the context of Sacred Scripture. We seek to make a phenomenological reflection on social, family, personal food. In a second step, we develop a brief commentary on some passages from the Old and New Testaments on commensality and the Eucharist and finally, a reflection on the Eucharist as a memorial is proposed.

Keywords

Eucharist.
Table.
Memorial.
Bible.

Introdução

Em meio à perplexidade que vivemos, há tantas famílias que choram a partida de seus entes queridos, tantas pessoas que lutam pela vida, tantos gestos de solidariedade, enquanto um pequeno grupo que detém o poder impõe uma economia do lucro. Necessitamos de vozes corajosas que gritem para alertar contra uma leitura e preocupação meramente econômicas, tendo o mercado como seu ídolo e, prosseguindo apenas competitividade, sem olhar a exclusão e a desigualdade, aceitando a lógica da exploração e do confronto. Por isso, o Papa Francisco lembrou: “Há comida para todos, mas nem todos podem comer, enquanto resíduos, desperdícios, consumo excessivo e o uso de alimentos para outros fins alimentares estão diante de nossos olhos” (Papa Francisco, mensagem para o encontro as IDEIAS DE EXPO-2015). Ou ainda: “O planeta tem comida para todos, mas parece que não há desejo de

compartilhar com todos. [Devemos] preparar a mesa para todos e pedir que seja uma mesa com todos” (Francisco, Homilia da Missa para a abertura da 20ª Assembleia Geral da Caritas Internacional).

Precisamente à luz dessas urgências citadas pelo Papa Francisco, tentarei refletir sobre o sentido do alimento, a partir de duas passagens bíblicas: a primeira, retirada do livro de Coelét: “Vai, pois, come teu pão com alegria e bebe gostosamente o teu vinho” (Ecl 9,7) e a segunda, uma palavra de Jesus (citação de Dt 8,3) que encontramos em Mateus e Lucas: “O homem não vive somente de pão, mas de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4; Lc 4,4).

O que é a comida?

Alimento é tudo o que se come e que serve para a nutrição, para manter um ser vivo: homens, animais, plantas. Comida é nutrição, e talvez esse segundo termo nos diz muito mais que “comida”, embora seja equivalente. De fato, quando digo “nutrição”, quero dizer que é antes de tudo algo dado, doado por outros assim que se chega ao mundo: evoca a nutriz (mãe de leite) que desmama o recém-nascido¹.

A primeira coisa de que precisamos tão logo chegamos ao mundo é a comida, que, na verdade, já nos alimentava no ventre materno; mas uma vez que deixamos o útero, o alimento nos é dado por alguém que o oferece: a mãe oferece a mama com o alimento. O alimento continuará sendo preparado para nós à medida que crescemos, até que possamos pegar nossa própria comida e nos dirigir à mesa. A partir desse momento, cresce nosso aprendizado sobre a relação entre nós e os alimentos. Precisamos deles não apenas para viver, mas para todo o desenvolvimento de nosso ser: o alimento é uma necessidade fundamental do organismo, da qual o homem não consegue afastar-se, mas também é muito mais do que nutrição. De fato,

¹ Ver o termo “nutrição” e seus derivados: nutricionista, nutrido, nutrir, nutriz... Cf. FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999, p. 1424.

assumir o alimento como ato de nutrição torna-se o gesto social por excelência, o sinal da comunidade em reunião, fazer memória, fazer festa; a mesa se torna o lugar de comunicação, de troca, de comunhão. É por isso que comer é muito mais do que nutrir-se, beber é muito mais do que saciar sua sede, a tal ponto que a arte de viver com sabedoria pode ser resumida e simbolizada pela arte de comer e beber.

Não é por acaso que a ação de se alimentar adquiriu um valor simbólico e tem até um caráter sagrado. As refeições sagradas da antiguidade e os sacrifícios nos templos atestam isso: eram refeições nas quais a comida era oferecida à divindade, que, por sua vez, não consumia a vítima, de modo que a carne era então compartilhada entre oferentes e sacrificadores². O comer é, portanto, uma ação natural e cultural: natural porque a natureza oferece os elementos, e cultural porque os alimentos são escolhidos, preparados, cozidos. Desde a era em que o homem se alimentava dos frutos encontrados na natureza, o alimento está sempre presente na cultura e, através dela, conotações simbólicas são atribuídas aos alimentos. Sim, a fome diz muito mais que a fome, a sede diz muito mais que a sede.

Antes de ser posta sobre a mesa, a comida é pensada, pesquisada e preparada nos mínimos detalhes; então é abençoada, oferecida, cantada e celebrada antes de ser compartilhada. Ação eminentemente própria da humanidade, o alimentar-se torna-se uma ação espiritual, cheia de significado, instrumento e epifania de uma grande comunhão. Isto é comida: alimento para o convívio! É por isso que não se pode falar de comida sem falar de mesa, apesar das formas diversas segundo as culturas: um tapete no chão para os nômades do deserto, uma mesa baixa para os gregos e os romanos ao lado da qual podiam relaxar, uma mesa - para nós hoje - à qual “passamos”: “Passemos à mesa!” é o convite para sentar-se à mesa para a refeição. Então interrompemos nosso trabalho, nossos compromissos, para alimentar-nos juntos, exercitando confiança no alimento que nos é trazido, acolhendo o cuidado de quem o preparou, compartilhando-o com aqueles que se sentam à mesa conosco e, se somos cristãos, mostrando nossa capacidade de agradecer

² Recordamos aqui os chamados sacrifícios de comunhão. Cf. DE VAUX R., *Les Institutions de L'Ancien Testament*, II. Paris: Du CERF, 1982, pp. 294-295.

a Deus pelos dons que Ele nos deu: de fato, a comida não é apenas algo que ganhamos, é também um dom que sempre recebemos³. O alimento faz a mesa e a mesa celebra o alimento⁴.

A mesa do povo de Deus

Sobre essa ação fundamental de alimentar-se, podemos receber alguma luz da Sagrada Escritura? Na verdade, a Bíblia narrativa de humanidade, de história de um povo, também de histórias pessoais e, frequentemente nos fala de almoços, jantares, banquetes e partilhas. Seria impossível apresentar as várias narrativas sobre o alimentar-se, desde a refeição de pão e vinho oferecida por Melquisedec a Abraão (cf. Gn 14,18-20), as refeições do povo de Israel no deserto, às refeições de Jesus, evocadas nos Evangelhos, e as dos cristãos narradas no Novo Testamento. Mas, em vez de seguir um caminho descritivo cheio de histórias, preferimos destacar como a Bíblia vê a comida, o alimento, para que também possamos vê-la com os olhos de Deus, ou seja, munidos de uma sabedoria alimentada pela fé.

A mesa do Senhor

No Antigo Testamento, cada refeição formal tinha caráter sagrado. Os sacrifícios oferecidos ao Senhor eram também refeições em que aqueles que as ofereciam compartilhavam as vítimas ou a oferta com os sacrificadores, os sacerdotes⁵. A principal festa de Israel, aquela que celebrava sua origem na libertação do Egito, era vivenciada em uma refeição na véspera da Páscoa, refeição em que se comia o cordeiro como *zikkaron*, memorial da libertação do povo de Deus. De geração em geração - diz a Torá - Israel comerá o cordeiro imolado, com pães ázimos e ervas amargas, como rito perene, festa do Senhor (cf. Ex 12,1-14). A Torá também especifica que a refeição pascal,

³ Pode até parecer utópica essa visão, mas todas as pessoas sonham e desejam com o dia em que poderão sentar à mesa e partilhar do muito ou do pouco com aqueles que amam. O contexto cultural e social atualmente em várias formas urbanas, nem sempre essa realidade se faz mais presente.

⁴ Cf. ROCCHETTA C., *Il Sacramento dell'Eucaristia*. Em: FLORIO M. - ROCCHETTA C. (Edd.), *Sacramentaria Speciale I*. Battesimo, confermazione, eucaristia. Bologna: EDB, 2004, pp. 191-335, aqui 192-195.

⁵ Cf. DE VAUX R., *Les Instititipns de l'Ancien Testament*, pp. 294-295.

sendo uma refeição memorial para Israel, não pode ser compartilhada por pessoas incircuncisas: “nenhum estranho dela comerá” (Ex 12,43), “nenhum incircunciso dela comerá” (Ex 12,48), diz também que “a Lei para o nativo e para o migrante que vive no meio de vós será a mesma” (Ex 12,49). A refeição pascal, de fato, é paradigma de toda refeição feita pelo povo de Israel: sempre será partilha dos frutos da terra e dos animais, sempre será um instrumento de comunhão, sempre será um sinal da aliança.

No livro de Gênesis, ao criar o ser humano, Deus diz: “Façamos um ser humano, à nossa imagem e segundo nossa semelhança. Que domine sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todos os animais na terra e tudo o que rasteja pela terra” (Gn 1,26). Então, após a famosa afirmação: “E Deus criou o ser humano à sua imagem” (Gn 1,27), reitera: “E Deus os abençoou e disse-lhes: ‘Sede fecundos e [...] dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu e sobre todo ser vivo que rasteja pela terra’” (Gn 1,28).

Mas que domínio seria esse? Imediatamente depois está escrito: “E Deus disse: ‘Eu vos dou [...] toda a erva que dá semente e todas as árvores que produzem fruto [...] para que vos sirvam de alimento’” (Gn 1,29). Paralelamente, aos animais da terra e do céu Deus dá “toda a erva verde como alimento” (Gn 1,30). Portanto, o homem será apenas um pastor, não um predador.

Porém, é a catástrofe do dilúvio (cf. Gn 6,5-8,14) que marca a passagem de um comportamento ao outro, precisamente porque o homem se mostrou violento a ponto de tirar a vida do próprio irmão (Caim e Abel: cf. Gn 4,8-16). Assim, levando em conta essa violência, surge a possibilidade de se comer animais, na esperança de fazer parar a violência do homem contra o homem. Deus diz: “Sereis causa de medo e de espanto para todos os animais da terra, todas as aves do céu, os bichos que se movem pelo chão e todos os peixes do mar. Eu os entrego todos em vossas mãos. Tudo o que vive e se move vos servirá de alimento. Entrego-vos tudo, como já vos dei os vegetais” (Gn 9,2-3). Mas define um limite significativamente específico: “Contudo, não deveis comer carne com vida, isto é, com o sangue” (Gn 9,4). É um sinal claro da necessidade de respeitar a vida: beber o sangue do animal é incorporar em

si a vida do animal, e isso passa do limite! Essas regras não são meramente alimentares, mas querem indicar um comportamento ético do homem para com seus semelhantes, um caminho de paz e convívio, como o texto esclarece com grande sabedoria: “Da mesma forma pedirei contas do vosso sangue [...] E da vida do homem pedirei contas a seu irmão” (Gn 9,5).

Deus, portanto, faz esse dom de criaturas boas e saudáveis, um dom que exige do homem responsabilidade, consciência do que comer, respeito pelo alimento e partilha, porque a criação é destinada a toda a humanidade, não apenas a alguns privilegiados. No entanto, esse dom de Deus não foi entendido pelos seres humanos, que logo introduziram as categorias de puro e impuro nos alimentos, julgaram alguns alimentos saudáveis e outros amaldiçoados, terminando por erguer muros que impediam a refeição como ação comum, como gesto de acolhida e de participação compartilhada. A tradição sacerdotal de Israel se empenhou na elaboração de normas para dar ao povo de Deus uma identidade precisa que o distinguisse dos *goyjm*, dos outros povos. Por esse motivo, distinguem-se animais puros e impuros, são proibidas misturas até em tecidos e condena-se a partilha da mesa com os pagãos. Tudo a partir da necessidade da distinção de outros povos, também com uma motivação teológica:

Fareis, pois, separação entre animais puros e impuros, entre aves impuras e puras. Não vos torneis abomináveis com o que separei como impuro para vós, animais, aves ou qualquer bicho que rasteje pelo chão. Sede santos para mim porque eu, o SENHOR, sou santo, e vos separei dos outros povos para serdes meus (Lv 20,25-26).

Essa necessidade de afirmação da identidade e de diferenciação dos outros se tornou uma obsessão no tempo pós-exílio, quando a leitura da Torá acabou sendo interpretada como um princípio de separação dentro do próprio Israel (cf. Ne 13,3), uma espécie de “limpeza étnica”. A impureza também era entendida numa perspectiva genealógica, a ponto que não apenas o alimento, mas também o povo deve ser puro (os judeus) ou impuros (os *goyim*, os samaritanos...). Surgiram então movimentos religiosos que queriam obedecer rigidamente às normas de santidade observadas pelos sacerdotes: o grupo mais conhecido ostentava o nome emblemático de *perushim*, fariseus,

isto é, separados. Contra qualquer tentativa de assimilação, opunham resistência e se tornavam cada vez mais intransigentes, aumentando e reforçando as prescrições relativas à pureza/santidade. Assim, a identidade dos crentes era baseada em normas alimentares e, conseqüentemente, eles excluíam de sua mesa aqueles que não seguiam essas normas: pagãos, pecadores públicos, homens e mulheres considerados indignos de estar à mesa com aqueles que se consideravam os únicos merecedores de serem chamados filhos de Deus. A refeição tornou-se progressivamente um espaço de exclusão, de separação. Os rabinos esclareciam com crescente minúcia as prescrições das refeições; os observadores ascéticos, com seu rigorismo e pregação intransigente, advertiam os crentes sobre qualquer mistura com os costumes dos *goyim*.

É nessa situação cultural e religiosa que Jesus de Nazaré mostra um comportamento “diferente” em relação ao dos homens religiosos e das autoridades judaicas. Precisamente no seu *estar à mesa, ir à mesa e aceitar o convite para a mesa*, Ele realiza uma ruptura com a ética religiosa dominante. Jesus julga a separação entre puro e impuro como uma barreira que deve cair, em prol da comunhão humana e, por isso - corrigindo a Lei, na ótica de captar a intenção mais profunda e original do Legislador, de Deus, que é o amor pelo homem - derruba as normas que excluem o outro, o estrangeiro, o impuro, o pecador.

“Assim, ele declarava puro todo alimento” (Mc 7,19). De fato, ele sabia muito bem que nada que entra no homem o torna impuro, o que o torna impuro é a maldade, a perversidade que sai do seu coração (cf. Mc 7,18-23).

Jesus à mesa

Já se observou que, entre os diferentes textos religiosos da antiguidade, nenhum como a Bíblia fala tanto sobre comida e bebida, e nenhum como os quatro Evangelhos fala tanto sobre refeições e banquetes. Jesus foi totalmente homem como nós; portanto, tomava parte à mesa como todo ser humano. No entanto, devemos reconhecer a frequência do seu estar à mesa e a insistência nessa característica, pois ele quer ser portador de uma mensagem. De fato, ele amava a mesa como lugar de encontro com os outros;

frequentemente falava de mesa e banquete para profetizar a condição de comunhão com Deus e consigo mesmo no Reino, e queria que a mesa fosse um lugar que reunisse os seus discípulos para viver a sua memória depois de sua morte-ressurreição. Os Evangelhos nos falam de quinze refeições de Jesus (são muitas em quatro livrinhos de umas 200 páginas!), e cada refeição tem uma particularidade, é um encontro irrepetível e oportunidade de um ensinamento por Jesus. Obviamente não podemos ler e comentar todas essas quinze refeições importantes, mas algumas características marcantes precisam ser destacadas.

Em uma visão mais geral, pode-se dizer que Jesus desejava colocar-se à mesa e tomar refeições com as pessoas com as quais entrava em relação. À mesa, conversava com facilidade, fazia amizade e aceitava eventuais discussões (cf. Lc 22,24). Estar à mesa era um sinal, uma parábola viva do significado de sua própria missão: trazer a presença de Deus ao mundo, aproximar o Reino de Deus dos pecadores, daqueles que se sentiam excluídos e distantes do Reino. Quando era convidado para uma refeição, Jesus sempre ficava vigilante, tentava ver e não perder nada que poderia ser mais urgente do que a participação a um banquete.

Por exemplo, num sábado, prestes a entrar na casa de um dos líderes dos fariseus para uma refeição, ele observa um homem que sofre de hidropisia. Então o pega pela mão, cura-o e o despede e diante dos religiosos que o cercam se justifica por ter realizado uma cura num sábado dizendo que naquele dia também é lícito curar (cf. Lc 14,1-6). Jesus observa igualmente como os convidados para o banquete escolhem os primeiros lugares e aconselha-os a ocuparem o último (cf. Lc 14,7-8). Além disso, ele ainda exorta a convidar aqueles que não podem retribuir um almoço ou jantar, para não entrar no terrível mecanismo do convidar para ser convidado (cf. Lc 14,12). “Pelo contrário” - afirma - “quando deres um banquete, convida os pobres, os aleijados, os coxos, os cegos! Então serás bem-aventurado, pois esses não têm como te retribuir!” (Lc 14,13-14). Mesmo que eles não aceitem o dom, é necessário expor-se a esse risco!

Mais especificamente, os Evangelhos sinóticos atestam as refeições tomadas por Jesus juntamente com pessoas publicamente mal afamadas,

pecadoras e desprezadas, os descartados da sociedade. Por exemplo, Levi era um publicano que estava sentado cobrando os impostos em uma cidade no lago Tiberíades (cf. Lc 5,27-32 e par.) quando Jesus, passando, viu-o e “disse-lhe: Segue-me. Ele, deixando tudo, levantou-se e o seguiu”. O olhar e a palavra de Jesus atraíram esse homem e ele se converteu, confiando-se incondicionalmente a ele. Alegre pelo novo caminho empreendido, Levi se despediu de seus amigos (que certamente não eram religiosos observantes!) com um grande banquete e Jesus participou dessa refeição sem hesitar, desencadeando a reação dos defensores das observâncias ditadas pela Lei. Os fariseus, seguros de sua capacidade de influência e de sua autoridade, censuravam os discípulos de Jesus: “Por que comeis e bebeis com os publicanos e com os pecadores?” (Lc 5,30). Mas Jesus responde: “Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os doentes. Não vim chamar justos, mas pecadores ao arrependimento”.

Se Jesus veio para convidar os pecadores à conversão, ele primeiro foi procurá-los onde estavam e depois firmou uma comunhão humana com eles ao redor da mesa: assim se cria uma situação em que se pode estabelecer conhecimento mútuo, acolhida e comunicação! Como isso acontecia com frequência, os inimigos de Jesus acabaram chamando-o com desprezo de “comilão e beberrão, amigo de publicanos e de pecadores” (Lc 7,34; Mt 11,19), dizendo: “Esse homem acolhe os pecadores e come com eles” (Lc 15,2). Em vez disso, teria de ser compreendida a abundância do amor de Jesus, que sabe acolher os agradecimentos de Levi por tê-lo considerado digno de ser seu discípulo, que aceita sentar-se à mesa com alegria para celebrar o evento de um pecador que disse não ao seu passado e seguiu um novo caminho; que quer mostrar a sua capacidade de empatia e de amizade com todos, nenhum excluído.

Muito semelhante a esse banquete é o da casa de Zaqueu (cf. Lc 19,1-10). Ao entrar em Jericó, Jesus vê um homem que, sendo pequeno em estatura, sobe em uma árvore, Jesus olha para ele e diz: “Zaqueu, desce depressa! Hoje eu devo ficar na tua casa”. Zaqueu desce rapidamente e o recebe em casa, cheio de alegria. Também aqui: um chamado, um entrar na

casa, um sentar-se à mesa, o murmúrio: “Foi hospedar-se na casa de um pecador!”.

Entretanto, a mesa para a qual Jesus é convidado nem sempre se torna lugar de verdadeira acolhida, de escuta e, portanto, de comunhão. De fato, ele aceitava o convite de todos, tanto dos pecadores como dos “justos”, os fariseus. Era considerado um famoso rabino, e a curiosidade levou os fariseus a recebê-lo em suas casas: e ele disse sim, como o Evangelho de Lucas nos testemunha duas vezes. Na primeira vez, quem convida Jesus é um fariseu chamado Simão (cf. Lc 7,36-50). Jesus entra em sua casa, mas o anfitrião é muito reservado: ele quer Jesus à mesa, mas sem realizar gestos de amor por ele. Nos banquetes solenes, era costume que o dono da casa cumprimentasse o hóspede com um beijo, que os servos lavassem seus pés e que uma gota de perfume fosse derramada sobre seus cabelos. Era um rito de acolhida marcado pela atenção, carinho e vontade de homenagear o hóspede, mas Simão não fez nada disso por Jesus.

E eis que uma mulher sem nome, conhecida por todos na cidade como “pecadora”, uma prostituta, entra na casa e realiza para Jesus os gestos que deveria ter recebido como hóspede. Ela se aproxima ocultamente e, movida pela emoção, beija os pés de Jesus, banha-os com lágrimas, seca-os com os cabelos e unge-os com perfume. Simão fica escandalizado: não se pergunta por qual razão ele mesmo não realizou os gestos de hospitalidade, mas olha apenas para o pecado da mulher e conclui que Jesus não é profeta, pois se deixa abordar e tocar por uma mulher impura. Para ele, Jesus, é um ingênuo ou alguém que gosta dessas coisas. Jesus então, percebendo o pensamento de Simão, conta-lhe uma parábola para lhe explicar que, para quem muito amou como essa mulher que, de graça e sem ser anfitriã muito faz, muito é perdoado. E diz à mulher: “Teus pecados estão perdoados (...). Tua fé te salvou. Vai em paz!”. Aqui a mesa se tornou um lugar de contradição: aquele que convidou Jesus não foi um anfitrião à altura, não entendeu nada, não entrou em comunhão; ao contrário, aquela que entrou na casa, dissimuladamente, sem ser convidada, mas com fé e amor, obteve o amor de Jesus. A mesa não é automaticamente um local de comunhão para todos. Depende de como se está à mesa com os outros comensais, se a comunhão

com eles é desejada, se realmente se deseja celebrar com a refeição, com o banquete, o encontro, a fraternidade, a amizade.

Lucas ainda nos fala de uma outra refeição para a qual Jesus é convidado por um fariseu anônimo - “Enquanto Jesus estava falando, um fariseu o convidou para tomar a refeição em sua casa. Jesus foi e pôs-se à mesa” (Lc 11,37) -, refeição essa que termina em uma veemente polêmica (cf. Lc 11,38-54). Olhando para a hipocrisia dele, a sua observância das prescrições humanas e a obsessão por suas superstições para adquirir méritos, Jesus desencadeia suas repreensões: “Ai de vós, fariseus! Ai de vós doutores da Lei!” (cf. também Mt 23,13-33). Isso representa uma ruptura com os homens religiosos: Jesus não será mais convidado para refeições com eles, que, a partir de agora, estarão planejando fazê-lo morrer. Jesus não havia negligenciado seus méritos: também foi à mesa com eles, mas o resultado foi um fracasso de sua missão.

No entanto, também temos indícios de um estar à mesa de Jesus com amigos que o acolhem com apreço e oferecem-lhe a casa para descansar e recuperar suas forças no seu caminho para a Páscoa. Lucas nos fala da permanência de Jesus na casa de duas irmãs, Marta e Maria (cf. Lc 10,38-42). São duas amigas dele, irmãs de Lázaro, e a casa deles em Betânia não fica longe de Jerusalém. Nessa pausa de Jesus, Maria se faz sua discípula com ousadia, colocando-se a seus pés para ouvi-lo como um rabino, enquanto Marta prepara tudo para a acolhida prática de Jesus, portanto também a refeição. Se Marta é criticada por Jesus, não é porque ela prepara a refeição de que Jesus gostava, mas porque ela prefere permanecer serva mulher sem se tornar discípula. Primeiro - Jesus lhe diz - é necessária a escuta da palavra de Deus, primeiro é necessário tornar-se discípula, então depois se pode predispor a casa e a comida para a acolhida.

O Evangelho de João também nos fala da amizade entre Marta, Maria e Lázaro (cf. Jo 11,1-44) e testemunha que esses amigos oferecem um jantar a Jesus, o último antes de sua paixão. É tão grande o afeto que os liga a ele, que Maria unge os pés de Jesus com um perfume precioso, “a casa inteira encheu-se com o perfume do bálsamo” (Jo 12,3). Extraordinário, uma ceia de amigos, a última ceia deles juntos e o perfume que se espalha é sinal daquele

carinho que não encontrará limites, mas será ainda mais forte que a morte. E aqui está a promessa reservada por Jesus para este gesto, de acordo com os sinóticos: “Em verdade vos digo: onde for proclamado o Evangelho, no mundo inteiro, será mencionado também, em sua memória, o que ela fez” (Mc 14,9; cf. Mt 26,13). A paixão e a morte do Senhor serão anunciadas refazendo os gestos que Jesus realizou sobre o pão e o vinho “em memória dele” (lit. “de mim”; *eis tèn emèn anámnesin*: Lc 22,19; 1Cor 11,24), mas também anunciará o que essa mulher fez por Jesus “em memória dela” (*eis mnemósynon autês*). Memória do amor de Jesus, memória do amor dos amigos por Jesus!

A mesa do Senhor: Jesus convida à mesa

Jesus não foi apenas convidado para a mesa, mas também convidou para uma mesa, a sua mesa. É por isso que no Novo Testamento encontramos as expressões “mesa do Senhor” (*tràpeza Kyríou*: 1Cor 10,21; cf. Lc 22,30) e “ceia do Senhor” (*kyriakòn deîpnon*: 1Cor 11,20).

Nesse sentido, devemos primeiro fazer pelo menos alguma alusão às chamadas multiplicações (mas talvez seja melhor falar de “partilha”) dos pães e dos peixes que Jesus realizou para as multidões que o seguiram. Trata-se de autênticas refeições, contadas por todos os evangelistas, e até especificadas em dois trechos de Marcos e Mateus. Existem, portanto, seis narrativas (cf. Mc 6,30-44; 8,1-10; Mt 14,13-21; 15,32-39; Lc 9,10-17; Jo 6,1-13), e isso indica a importância atribuída pelos evangelistas ao episódio, tanto como uma profecia da ceia do Senhor deixada como memorial aos seus discípulos na véspera da sua paixão, quanto como uma profecia do banquete escatológico que Deus prepara no Reino para toda a humanidade. Conhecemos bem as narrativas: a multidão segue Jesus em lugares solitários e os discípulos se preocupam porque não têm nada para alimentar tantas pessoas. Jesus, por sua vez, tem compaixão ao ver essa grande multidão, vê esses homens como ovelhas sem pastor e lhes dá o alimento da palavra. No final, Ele pede aos discípulos: “Vós mesmos, dai-lhes de comer”. Os discípulos objetam que têm apenas cinco (sete) e dois (poucos) peixes, mas Jesus ordena que a multidão se sente na relva verde, “em grupos” (*sympósia sympósia*: Mc 6,39): não se trata apenas de comer, de consumir alimentos, mas estamos na presença de

um banquete, de um simpósio, no qual os convidados comem juntos, fazem comunhão.

Em seguida, Jesus tomou os cinco pães e os dois peixes, ergueu os olhos ao céu, pronunciou a bênção, partiu os pães e ia dando-os aos discípulos, para que os distribuíssem. Repartiu, também, entre todos, os dois peixes (Mc 6,41 e par.).

Um detalhe particular: quatro dos verbos usados aqui retornarão também na descrição dos gestos realizados por Jesus sobre o pão na Última Ceia (cf. Mc 14,22 e par.; 1Cor 11,23-24): gestos totalmente performativos, resumindo toda a vida de Jesus gasta na liberdade e por amor, aos quais se pode recorrer para narrar os outros banquetes oferecidos por Ele em sua vida. Poderíamos dizer que esses *ipsissima gesta Christi* foram impressos na mente dos seus discípulos mais do que os *ipsissima verba*!

Aqui é Jesus que convida para o banquete, que alimenta com pães e peixes, é ele que preside os grupos dispostos em campos verdejantes. Novamente, o ensinamento é grande: o pão e o vinho são um dom de Deus, são alimento para o homem, e quando o homem agradece a Deus pelo alimento e sabe partilhá-lo, então há alimento para todos, sem nenhum excluído! Mesmo quando há pouco, se soubermos agradecer e partilhar, veremos o pouco multiplicado e suficiente para todos. Dom e partilha são a dinâmica de todas as refeições, e mesmo o pouco deveria ser sempre partilhado. Sim, essas refeições da multiplicação dos pães que Marcos e Mateus colocam seja na terra de Israel, como profecia da Eucaristia doada aos hebreus, seja em terra pagã, como profecia da Eucaristia doada aos gentios, atestam a vontade de Jesus, ele que é o pão e o vinho doados, ele que é a vida doada e oferecida a toda a humanidade.

Mas essas refeições para as quais Jesus convidou as multidões anunciavam o que aconteceria na paixão e morte dele, evento do qual ele queria deixar um sinal, um memorial no banquete eucarístico. Apesar das diferentes perspectivas a partir das quais se tenta ler a história de Jesus, os Evangelhos sinóticos concordam: na iminência da Páscoa, que ocorreu no sábado, 8 de abril do ano 30 da nossa era, Jesus quis celebrá-la como judeu

em aliança com Deus e levá-la a cumprimento em plenitude. Quando chegou o dia dos pães ázimos, ele enviou os discípulos para fazerem os preparativos para poder “comer a Páscoa” em uma casa em Jerusalém, onde havia uma sala no andar superior toda mobiliada (cf. Mc 14,13-16 e par.). A Páscoa era sobretudo uma celebração da refeição em vigília, na qual se comia o cordeiro pascal com pães ázimos e ervas amargas (cf. Ex 12,8). Quando tudo estava pronto, chegada a noite, Jesus estava na “sua sala” (cf. Mc 14,14), com os Doze, a sua *haburah*, sua comunidade, e imediatamente - segundo Lucas - compartilha com os seus a grande alegria que lhe foi proporcionada por aquela ceia: “Tenho desejado ardentemente comer convosco esta ceia pascal, antes de padecer; pois eu vos digo que não mais a comerei até seu pleno cumprimento no Reino de Deus” (Lc 22,15-16). Depois, tomou um cálice com vinho e deu aos seus discípulos dizendo para partilhá-lo entre eles, porque era o último vinho, fruto da videira, que ele bebeu aqui sobre a terra, antes de bebê-lo como “vinho novo” no Reino de Deus (cf. Mc 14,25 e par.).

Podemos dizer que esse foi o último brinde de Jesus, um gesto extraordinário, cheio de esperança, de promessa e de despedida: “Irmãos,” - diz ele aos discípulos - “vamos beber pela última vez juntos, aqui e agora; mas tenham certeza, beberemos juntos novamente o novo vinho no Reino, o vinho do banquete escatológico”. Depois Jesus e a sua comunidade comeram aquela que justamente chamamos “a Última Ceia”, com pratos próprios da Páscoa e palavras que explicavam os gestos com criatividade e sabedoria; era uma refeição em que Jesus queria dizer o que de mais profundo existia em seu coração, a Pedro e aos outros onze, incluindo Judas que o havia vendido. Uma refeição testamentária, na qual Jesus expressou suas últimas vontades, resumidas no “mandamento novo”, último e definitivo, do amor mútuo (“Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”: Jo 13,34; 15,12), olhando para o futuro de sua comunidade, após a separação dele. Nos quatro Evangelhos, mas especialmente em Lucas e João, embora de maneiras muito diferentes, há o testemunho do testamento de Jesus caminhando para a morte com grande consciência. Parece também que naquela mesa os discípulos não entenderam. Também ali - como costuma acontecer em nossas mesas - surgiram disputas. Mesmo naquela mesa havia aqueles que pensavam que

deveriam ser servidos sem nunca servir. Jesus, então, dá o exemplo: “estou no meio de vós como aquele que serve” (Lc 22,27).

No entanto, aconteceram naquela última ceia, como uma novidade absoluta capaz de inaugurar um novo tempo, o da nova aliança, um gesto de Jesus, narrado pelos sinóticos (cf. Mc 14, 22-24 e par.) e por Paulo na Primeira Carta aos Coríntios (1Cor 11,23-25). Enquanto eles estavam à mesa e comiam “[Jesus] tomou o pão, pronunciou a bênção (ou também, “deu graças”), partiu-o e lhes deu, dizendo: Tomai, isto é o meu corpo. E tomando na mão o cálice, deu graças e passou-o a eles, e todos beberam. E disse-lhes: Este é o meu sangue da nova aliança, que é derramado em favor de muitos”.

Esse é o gesto que antecipa a paixão e a morte do Senhor como um sinal e que os discípulos terão que fazer em sua memória (cf. Lc 22, 19; 1 Cor 11,24): eis o dom da Eucaristia. Jesus toma o pão da necessidade, o pão necessário para a vida do homem, dá graças a Deus por isso, parte-o e divide-o, dizendo: “Este é o meu corpo, esta é a minha vida doada a Deus. Participem da minha vida, comendo o meu corpo neste pão”. Depois toma o cálice de vinho, o vinho da não necessidade, da gratuidade e da alegria, o vinho jamais ausente nos casamentos, na celebração da aliança, na celebração do amor (cf. Jo 2,1-11), e sobre aquele cálice, depois de dar graças, diz: “Este é o meu sangue da aliança, da nova aliança. Toda a minha vida é dada a vocês e, bebendo do cálice, vocês permitem que a minha vida seja representada no sangue entre em vocês. Uma única vida em mim e em você, uma profunda comunhão, comunhão de corpo e de sangue”.

A partir daquela noite, a mesa do Senhor está sempre pronta para cada um de nós, nela nos são oferecidos pão e vinho, corpo e sangue de Cristo, para que sejamos um com Ele e entre nós. Temos uma mesa na qual é possível nos comunicarmos com Cristo para vivermos sua vida até nos tornarmos sua morada, até introduzirmos seu corpo e sangue em nós, o que, no paradoxal metabolismo eucarístico, nos transforma também em corpo e no sangue de Cristo. Durante todo o seu ministério, Jesus foi um conviva dos pecadores e, mesmo no final, Ele quis ser um conviva de pecadores: de Judas que o vendera; de Pedro que, por medo, chegou a dizer que jamais o havia conhecido; dos outros, temerosos, pusilânimes e desvanecidos, abandonando-

o todos (cf. Mc 14,50). Devemos dizer: tirar o fiel amor de Jesus e aquela última ceia é uma “loucura”, porque os comensais são pobres homens, incapazes de serem simplesmente homens autênticos!

Esse gesto do pão oferecido e do cálice partilhado ainda hoje denuncia o quão pouco fiéis somos às palavras de Jesus, mesmo citando muitas desculpas que nos parecem sensatas. A esse respeito duas palavras. A primeira: se Jesus pediu “Bebam todos”, por que a comunidade cristã continua a não beber do cálice? Há uma ordem de Jesus, deveríamos apenas obedecer! A segunda: se as refeições de Jesus não eram um lugar de separação ditada por normas de pureza, se Jesus estava à mesa dos pecadores violando a práxis veterotestamentária, se ele comeu a última ceia com uma comunidade tão miserável e pecadora, por que a Eucaristia que frequentemente celebramos é um lugar de exclusão dentro da própria comunidade cristã? Podemos excluir da Eucaristia, da mesa do Senhor, aqueles que penam sob o próprio jugo a quem Jesus queria robustecer (cf. Mt 11,28-30)?

Não posso deixar de mencionar aqui as dificuldades que a nossa Igreja está enfrentando hoje. O Papa Francisco realmente quer que a Igreja se questione sobre a mesa do Senhor, se é um lugar de exclusão ou de cura e comunhão para nós, que somos todos pecadores. O problema não diz respeito apenas aos divorciados, mas afeta a todos nós, diz respeito também a mim que conheço meus pecados, que não me sinto melhor do que aqueles que têm pecados públicos, como os publicanos do Evangelho. Porque se eu penso que para ir à mesa do Senhor eu tenho que ser digno, então, em consciência, nunca deveria ir. Só posso ir lá como mendigo, humildemente pedindo para me sentar à mesa nos últimos lugares, esperando que o Senhor me reconheça capaz de acolher sua misericórdia. Perguntemo-nos se não fazemos da Eucaristia “uma refeição fechada”, uma mesa bem delimitada, e se, ao fazê-lo, não erguemos um muro em volta da mesa do Senhor, um muro como o constituído pela Lei, que separava puros e impuros, dignos e indignos, muro que precisamente Jesus com sua morte fez cair (cf. Ef 2,14)... O estar à mesa de Jesus e todas as refeições que ele viveu sempre obedeceram a uma única lógica: acolher os pecadores e oferecer-lhes a salvação. A mesa do Senhor não

é um prêmio para os bons, não é um privilégio para alguns, como o Papa Francisco nos lembra: “A Eucaristia, embora constitua a plenitude da vida sacramental, não é um prêmio para os perfeitos, mas um remédio generoso e um alimento para os fracos” (EG 47). Não, essa é a cátedra da partilha, cátedra da comunhão dos bens materiais e espirituais, cátedra da misericórdia de Deus para nós e da misericórdia a ser vivida na reciprocidade da comunidade cristã.

O gesto que Jesus realizou é uma ação simbólica (como faziam os Profetas do AT), e por isso, Jesus orienta aos seus discípulos para que eles façam o mesmo. Jesus é o Mestre e Senhor. Os discípulos não são maiores do que ele. Por isso, devem seguir o seu exemplo. No lava-pés, Jesus não nos dá simplesmente uma lição de abaixamento. Faz muitíssimo mais. Eleva-nos à Glória: manifesta-nos aquele Deus - cujo único poder é o poder do amor! - que julgamos conhecer, mas que, de fato, desconhecemos. Jesus é o verdadeiro rei, que veio para testemunhar a verdade (Jo 18,37). Por isso, manifesta o verdadeiro rosto de Deus e o verdadeiro rosto do ser humano, que é imagem e semelhança de Deus! A lógica mundana impele-nos para o sucesso, o dinheiro. A lógica de Deus para a humildade, o serviço e o amor.

A Eucaristia: ação de graças e memorial

A Eucaristia é o sacramento que torna presente, na celebração litúrgica da Igreja, a Pessoa de Jesus Cristo (Cristo por inteiro: Corpo-Sangue e Divindade) e seu sacrifício redentor, na plenitude do Mistério Pascal de sua paixão, morte e ressurreição. Essa presença não é estática ou passiva (como a de um objeto em um determinado lugar), mas sim ativa, porque o Senhor se faz presente com o dinamismo do seu amor salvador: na Eucaristia, Jesus nos convida a acolher a salvação que nos oferece e a receber o dom de seu Corpo e Sangue como alimento para a vida eterna, permitindo-nos entrar em comunhão com Ele - com sua Pessoa e com seu sacrifício - e em comunhão com todos os membros do seu Corpo Místico, que é a Igreja.

Memorial - e não memória - é a melhor tradução do grego *anámnesis* que ocorre nas palavras de Jesus na última ceia ao instituir a eucaristia. A

palavra grega, por sua vez, traduz o hebraico *zikkaron* que se encontra, por exemplo, em Ex 12,14, na narrativa da instituição da ceia pascal judaica. Em outras palavras: o memorial é dom. O memorial é ação do Espírito Santo em sacramento, em mistério, em semelhança, segundo a dinâmica própria da ação sacramental⁶. O memorial eucarístico faz Cristo presente e, com Ele, sua vida, morte, ressurreição, manifestação no Espírito, *parusia*, porque em seu mistério pascal Cristo redime o tempo e o espaço.

O dom da Eucaristia é enxertado neste simbolismo para transfigurá-lo, com a novidade do acontecimento único da Páscoa, e para conduzir a humanidade ao banquete escatológico, realização última da história⁷.

Eucaristia ação de graças

A ação de graças (*eucharistia*) é um elemento essencial da fração neotestamentária e se repete em todos os relatos da instituição (cf., Mc 14,23; 1Cor 11,24) e em vários textos do Novo Testamento que aludem à Eucaristia (cf., Mc 8,6; Jo 6,11; Lc 24,30; At 27,35).

É o próprio Cristo quem dá ao seu gesto o significado de ação de graças: “Enquanto estavam comendo, Jesus tomou o pão e *pronunciou a bênção*, partiu-o e deu-o aos discípulos, dizendo: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’. E tomando na mão o cálice, *deu graças* e passou-o a eles, dizendo: ‘Bebei dele todos...’” (Mt 26,26-27).

Aqui podemos ver várias expressões sintetizadas da oração judaica: o bendizer a Deus, o proclamar a sua bondade, o sacrifício de louvor e agradecimento⁸.

Por volta de 100 d.C. o termo *eucharistia* tornou-se o nome usual da celebração. Hoje a teologia voltou a sublinhar o caráter de ação de graças da Eucaristia.

O Catecismo da Igreja Católica escreve:

A Eucaristia, sacramento da nossa salvação realizada por

⁶ GIRAUDO C., *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, 509-512.

⁷ ROCCHETTA C.: *Il sacramento dell'eucaristia*, in FLORIO M.-ROCCHETTA C.: *Sacramentaria Speciale. I. Battesimo, confermazione, eucaristia*. Bologna: EDB, 2004, pp. 193-195.

⁸ MOSSO D., *Riscoprire l'Eucaristia*. Alba: San Paolo, 1993, pp. 132-146.

Cristo na cruz, é também um sacrifício de louvor em ação de graças pela obra da criação. [...] Por Cristo, a Igreja pode oferecer o sacrifício de louvor em ação de graças por tudo o que Deus fez de bom, belo e justo, na criação e na humanidade.

[...]. Eucaristia significa, antes de mais, “ação de graças”.

A Eucaristia é também o sacrifício de louvor, pelo qual a Igreja canta a glória de Deus em nome de toda a criação [...] (CIC 1359-1361).

O memorial da “fração do pão” logo foi chamado de Eucaristia para indicar que é ação de graças. O termo tem uma conotação sacrificial e implica acima de tudo a proclamação laudativa das maravilhas que Deus fez por nós. Enquanto a comunidade cristã proclama no louvor e na alegria as maravilhas de Deus, e a sua misericórdia e fidelidade, ela se insere no caminho pascal de Jesus, já entrando na salvação definitiva.

“Se a ceia do Senhor é eucarística, isso significa que o ato fundamental dos celebrantes é a acolhida plena de gratidão, deixando-se levar por um movimento que parte de Deus”⁹.

Escreve Benedetto Testa:

É apropriadamente denominada Eucaristia, porque é a resposta mais sublime que a Igreja pode dar para agradecer a Deus, repondo as próprias palavras e ações de Jesus Cristo. Este termo enfatiza o senso de devida e justa ação de graças a Deus em Jesus Cristo. De fato, em todas as celebrações eucarísticas oramos dizendo: Na verdade, é justo e necessário, é nosso dever e salvação dar-vos graças, sempre e em todo lugar, Senhor, Pai Santo, Deus eterno e todo-poderoso, por Cristo, Senhor nosso. Mas a consecução deste termo é acima de tudo a indicação de que na vida da Igreja existe agora uma celebração cotidiana que é re-apresentação da obra salvífica de Cristo e ato de louvor e ação de graças a Deus em Jesus Cristo. Eucaristia exprime de um ponto de vista objetivo a graça divina que nos foi dada no evento de Cristo; do ponto de vista humano, é a resposta de gratidão daqueles que participaram¹⁰.

⁹ NOCKE F-J., *I Singoli Sacramenti*. In Nuovo Corso di Dogmatica, Vol II. Brescia: Queriniana, 1995, p. 348.

¹⁰ TESTA B., *I sacramenti della Chiesa*. Milano: Jaca Book, 2001, pp. 221-222.

“A Igreja tem nos *sacramentos* alguns momentos privilegiados em que exprime, celebra e realiza essa salvação, em ações que são, ao mesmo tempo, de Cristo e da comunidade cristã”¹¹. O principal desses sacramentos é a Eucaristia, o alimento sacramental no qual Cristo atualiza a sua presença e se entrega no meio da comunidade cristã, fazendo com que essa, sob os sinais do pão do vinho, entre em comunhão com seu corpo e com seu sangue e se torne parte da força salvadora da sua morte.

É sobre a Eucaristia que se afirma em sentido pleno: “Mistério da fé!”. Na Igreja tudo procede dela e tudo converge para ela. Mesmo quando se fala de um “cristão praticante”, nos referimos àquele que participa da Eucaristia dominical e faz/vive a comunhão.

A Eucaristia é a síntese e o coração pulsante da religião e da Igreja de Cristo. Estremece dentro da vida divina que é a Palavra, a vida humana que é a natureza assumida pela Pessoa do Verbo e a vida do mundo material representada no pão e no vinho.

Estamos verdadeiramente diante do “cume” e da “fonte” não apenas de toda a liturgia, mas também de toda a vida cristã e de toda a teologia. É um “gesto”, tão grande que tem um valor universal, em referência a Cristo e à sua vida-morte-ressurreição, à Igreja no seu caminho que vai da ressurreição e ascensão de Cristo ao céu até a *parusia* final e também à existência cristã em suas várias dimensões¹².

A Eucaristia, como já mencionado, é verdadeiramente a fonte e o cume de todos os outros sacramentos. Dada essa centralidade, é óbvio que todas as linhas convergem no sacramento do corpo e do sangue de Cristo: a antropologia, a auto-manifestação histórico-salvífica do Deus trino, a cristologia, a pneumatologia, a eclesiologia e a escatologia.

A teologia eucarística do passado concentrava-se em três aspectos de fundo: presença real, sacrifício e comunhão. Esses três aspectos são codificados pelos decretos do Concílio de Trento. O que dominava era a presença real, tanto por causa da controvérsia protestante quanto porque

¹¹ ALDAZÁBAL J., *A Eucaristia*, in BOROBIO D., *A celebração na Igreja II. Sacramentos*. São Paulo: Loyola, 1993, p. 145.

¹² Cf.: CROCE V., *Il Sacramento dell’Alleanza. Soteriologia ed Eucaristia*. Torino: EDC, 1997, p. 50.

podemos falar em verdadeiro sacrifício enquanto a vítima se faz presente e de verdadeira comunhão enquanto Jesus está realmente presente na hóstia.

Hoje, porém, coloca-se em evidência, em primeiro lugar, o fato que caracteriza a “Ceia do Senhor”, Cristo que se oferece ao Pai por nós e, em segundo lugar, a relação entre Igreja e a Eucaristia. Mas também buscam-se novas formas de pesquisa. Uma delas está na linha da caridade: ver a teologia eucarística como a teologia da caridade de Deus. Trata-se de acentuar o rosto que a Igreja recebe da Eucaristia, ou seja, o rosto da caridade, e colocar, de maneira drástica, os cristãos diante das suas responsabilidades em relação à dimensão teológica, existencial e ética da caridade¹³.

Com o Concílio Vaticano II, houve uma revolução em relação à celebração eucarística combinada com uma nova maneira de pensar. A missa adquiriu uma centralidade mais pronunciada. Obviamente, isso não significa que a celebração não a tivesse antes, mas é uma abordagem totalmente nova.

A centralidade da missa tornou-se quase exclusivismo: levou à abolição da comunhão fora da missa, reduziu as bênçãos eucarísticas e reduziu muitas práticas devocionais extra-litúrgicas. Os outros sacramentos são celebrados dentro da missa.

Mas a novidade mais marcante é o deslocamento arquitetônico da mesa do altar: não mais encostada no fundo da igreja para exaltar, mas destacada e colocada adiante como uma mesa despojada e essencial, enriquecida pela mesa da Palavra e pela sédia do presidente da assembleia. Assim, o centro não é mais o tabernáculo por trás do altar, mas a mesa do altar em torno da qual encontra-se a assembleia fraternamente reunida para celebrar a “Ceia do Senhor”.

A nova abordagem litúrgica nos convida, portanto, a procurar e encontrar o Senhor Jesus “no meio” da assembleia de irmãos, em vez de “diante” ou “no alto”, na direção simbólica do Pai que está nos céus. A conservação do pão consagrado nos tabernáculos laterais pretende então sublinhar o primado da celebração do sacrifício e da comunhão com ele sobre a adoração da presença permanente. É precisamente aqui que está a principal mudança de ênfase na consideração da

¹³ Cf.: ROCCHETTA C., “*Universa nostra caritas est eucaristia*”. Per una teologia dell’eucaristia come teologia della comunione e del servizio. Bologna: EDB, 1993, pp. 11-28. Fronteiras, Recife, v. 3, n. 2, p. 297-330, jul./dez., 2020

Eucaristia: do sacramento da presença misticamente contemplado à distância, com respeito quase trêmulo ao sacramento da comunhão, em participação alegremente fraterna¹⁴.

A era barroca havia desenvolvido a mística da contemplação: a centralidade da elevação na missa, a importância da genuflexão, a adoração prolongada, as bênçãos multiplicadas de forma desmedida etc.

A reação pós-conciliar acentuou a prática da comunhão como participação ativa no Corpo de Cristo e como partilha fraterna. As ocasiões de participação da Missa se multiplicaram, manhã e noite, bem como o número de comunhões, enquanto houve significativa queda nas confissões.

As missas celebradas ao mesmo tempo nos altares laterais desapareceram e a concelebração se estabeleceu como um sinal de comunhão dos presbíteros ao redor do único altar.

A partir de alguns elementos, aqui apenas indicados, e de muitas outras mudanças, pode-se dizer que o Concílio Vaticano II deu origem a uma verdadeira revolução, da qual também surgiram novas considerações teológicas sobre a Eucaristia.

O Concílio Vaticano II também descreve em termos detalhados a essência e importância da Eucaristia, que não deve ser concebida apenas como simples bebida e alimento do sangue e do corpo de Cristo, mas como ação de toda a Igreja que celebra o mistério da vida de Cristo, especialmente sua morte e ressurreição. A ação da Igreja está subjacente ao que Jesus fez na Última Ceia, como a Constituição Conciliar sublinha:

O nosso Salvador instituiu na última Ceia, na noite em que foi entregue, o Sacrifício eucarístico do seu Corpo e do seu Sangue para perpetuar pelo decorrer dos séculos, até Ele voltar, o Sacrifício da cruz, confiando à Igreja, sua esposa amada, o memorial da sua morte e ressurreição: sacramento de piedade, sinal de unidade, vínculo de caridade, banquete pascal em que se recebe Cristo, a alma se enche de graça e nos é concedido o penhor da glória futura (SC 47).

¹⁴ Cf.: CROCE V., *Il Sacramento dell'Alleanza*. Soteriologia ed Eucaristia. Torino: EDC, 1997, p. 42.

Na afirmação da Constituição, alguns elementos essenciais da doutrina da Eucaristia podem ser apreendidos:

- O fundamento cristológico: a Eucaristia foi instituída por Cristo como memorial real de toda a sua vida e atividade salvífica;
- A dimensão eclesial: a celebração comemorativa é confiada à Igreja até o fim dos tempos;
- A teologia da graça: comunhão com a divindade do Cristo e, portanto, introdução no vórtice de amor trinitário;
- A perspectiva escatológica: autocomunicação de Deus até o fim dos tempos; “garantia da glória futura”;
- Ministro e destinatário: ministro é o sacerdote e o destinatário é o batizado na graça.¹⁵

Em referência ao texto da SC, a Instrução *Eucharisticum mysterium* explicita:

Portanto, a missa, ou a ceia do Senhor, é, ao mesmo tempo e inseparavelmente:

- Sacrifício pelo qual se perpetua o sacrifício da cruz;
- Memorial da morte e da ressurreição do Senhor que diz: “Fazei isto em memória de mim” (Lc 22,19);
- Um sagrado banquete no qual, pela comunhão do corpo e do sangue do Senhor, o povo de Deus participa dos bens do sacrifício pascal, renova a nova aliança, feita uma vez para sempre no sangue de Cristo entre Deus e os homens, e na fé e na esperança, prefigura e antecipa o banquete escatológico no reino do Pai, anunciando a morte do Senhor “até que venha” (*Eucharisticum Mysterium*, 3)¹⁶.

Essa unidade deve ser sempre lembrada, mesmo que, por razões de clareza, tratemos os aspectos distinta e separadamente.

Eucaristia é memorial da Páscoa de Cristo

¹⁵ Cf.: MÜLLER G. L., *Dommatica cattolica*. Per lo studio e la prassi della teologia. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1999, pp. 829-831.

¹⁶ SACRAGADA CONGREGAÇÃO DOS RITOS, Instrução *Eucharisticum mysterium*, n. 3: in AAS 59 (1967), 539-573, aqui p. 541.

O termo “memorial” (em hebraico, *zikkaron*; em grego, *anamnesis*) foi primeiro adotado pelas comunidades cristãs para definir a Eucaristia. O mandato de Jesus foi: “*Fazei isto em memória de mim*”.

O memorial não é entendido pela Igreja como uma mera recordação subjetiva ou a recordação de um aniversário¹⁷. Ele é uma recordação eficaz, uma celebração que atualiza o que recorda: ou seja, é um “sacramento” do acontecimento passado. Para os judeus, o memorial da sua Páscoa não é só o aniversário da sua saída do Egito, mas a renovação atualizada da aliança que Deus lhes ofereceu e continua lhes oferecendo agora. Para os cristãos, o memorial da Morte de Cristo, agora Ressuscitado, atualiza e comunica, em cada celebração, a força salvadora do acontecimento da cruz. Além disso, o memorial visa também o futuro: em certo sentido, adianta-o e garante-o. Em cada Missa, ao comer o Pão e o Vinho, que são o Corpo de Cristo (presente), proclama-se a morte do Senhor (passado) “até que Ele venha” (futuro). É assim que S. Paulo descreve a Eucaristia (cf. 1Cor 11,26).

É desta forma também que o Concílio define a Eucaristia: como memorial da Morte e Ressurreição de Cristo (cf. SC 47). O mesmo faz, desde então, todos os documentos: a Instrução *Eucharisticum Mysterium*, de 1967, tem sua segunda parte intitulada “A Celebração do Memorial do Senhor”. O Catecismo explica a Eucaristia a partir desta chave de leitura (cf. CIC 1362-1372).

Os próprios textos do Missal são os que exprimem, sobretudo, a identidade da Eucaristia como memorial da Páscoa de Cristo: “ao celebrar agora o memorial da morte e ressurreição do vosso Filho...” (Oração Eucarística II).

Por isso, é importante destacar a diferença entre memória e memorial. A memória é simplesmente a recordação de um fato do passado. O memorial, por sua vez, é a rerepresentação do evento do qual se faz memória. É tornar presente aquele evento. É um atualizá-lo, de modo tal que o faz

¹⁷ Cf.: NEUNHEUSER, B. *Memorial*. Em: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, 723-736; TABORDA, F. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos sobre a eucaristia*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

contemporâneo a nós e nós participamos diretamente, assim como os primeiros que o experimentaram fizeram parte dele.

Os hebreus viviam a Páscoa como um memorial da saída do Egito. O próprio Deus disse: “Este dia será para vós um memorial” (Ex 12,14).

O rabino Rabbán Gamaliel ensinava os judeus a celebrar o memorial da Páscoa, festa da libertação da escravidão do Egito, com estas palavras:

De geração em geração, cada um é obrigado a ver-se a si próprio como tendo ele mesmo saído do Egito... Por isso estamos obrigados a confessar, louvar, elogiar, glorificar, exaltar, honrar, bendizer, engrandecer e aclamar aquele que fez para nossos pais e para nós todos estes milagres: que fez sair da servidão para a liberdade, da tristeza para a alegria, do luto para o dia festivo e da obscuridade para a grande luz, e da escravidão para a redenção. E digamos diante dele (um canto novo): “Louvai ao Senhor!”¹⁸

Mas o memorial também implica outra coisa: que vivamos aquele evento de maneira que marque nossa vida e nos faça viver de acordo com ele. Isso significa que aqueles que participam da Eucaristia comprometem-se a viver eucaristicamente, isto é, com os mesmos sentimentos do Cristo crucificado.

O “memorial”, que tem um fundamento bíblico indubitável, confirmado pelo Magistério da Igreja:

URBANO IV: Bula “*Transiturus de hoc mundo*”, 11 de agosto de 1264:

Na instituição deste sacramento, ele disse aos Apóstolos: “Fazei isto em minha memória” (Lc 22,19), para que este excelso e venerável sacramento fosse para nós peculiar e insigne memorial do seu extraordinário amor com o qual nos amou. Admirável memorial, digo..., no qual se renovam os sinais e as maravilhas se apresentam transformadas, no qual se encontra todo deleite..., no qual conseguimos sim uma ajuda de vida e salvação. Este é o memorial ... salvífico, no qual reconsideramos a grata memória da nossa redenção, no qual somos afastados do mal e revigorados no bem, e progredimos no crescimento das virtudes e das graças, no qual verdadeiramente progredimos pela presença corpórea do próprio Salvador (DH 846).

¹⁸ GIRAUDO C., *Num só corpo*, pp. 112-113.

Concílio de Trento: O memorial é mencionado nos cânones sobre o sacrifício da missa, DH 1740-1741, e é também discutido no decreto sobre o sacramento da Eucaristia, capítulo 2: DH 1638. Este último

recapitula os dados tradicionais em torno do termo memorial, em referência às palavras da instituição: “Fazei isto em memória de mim”. A eucaristia é, com efeito, o memorial do acontecimento pascal, isto é, o ato pelo qual esse acontecimento é tornado presente (re-presentado) e atuante na celebração. O memorial supõe uma tríplice referência ao passado, ao presente e ao futuro, segundo o texto de Paulo evocado pelo concílio, trilogia renomada e popularizada na antífona do Santíssimo Sacramento, composta por Tomás de Aquino. O sacramento da eucaristia celebra, de fato, a memória de Cristo (passado); anuncia sua morte e alimenta os fiéis (presente); é penhor de nossa glória por vir (futuro e antecipação). Enfim, ele visa a realização do corpo eclesial de Cristo, do qual ele mesmo é a cabeça¹⁹.

Leão XIII - na Encíclica *Mirae caritatis*, de 28 de maio de 1902, menciona novamente o termo memorial. No Concílio Vaticano II, o termo memorial é um dos temas centrais que definem a Eucaristia: *Sacrosanctum Concilium* 47; *Ad Gentes* 14; *Instrução Eucharisticum Mysterium* 3; *Missal Romano*, Proêmio 3.

No memorial, o que é narrado também é apresentado com gestos e acolhido pela comunidade. A *anamnese* é uma memória plena de gratidão e atualização. “Na Eucaristia, a história recordada torna-se presente: a última ceia de Jesus e todo o amor de Deus por seu povo ao longo da história, amor sintetizado nessa ceia, do êxodo do Egito à ressurreição e exaltação do Senhor”²⁰.

O memorial foi trazido à humanidade por ele com sua paixão e ressurreição. De fato, a ceia é re-proposta do gesto com o qual o próprio Jesus proclama e celebra os benefícios e a cena é o anúncio e a re-apresentação. De uma maneira mais completa, é necessário especificar que

¹⁹ SESBOUÉ B., *História dos Dogmas*. Os sinais da Salvação, tomo 3. São Paulo: Loyola, 2013, p. 144.

²⁰ NOCKE F.-J., *I Singoli Sacramenti*. In *Nuovo Corso di Dogmatica*, Vol II. Brescia: Queriniana, 1995, p. 349.

Jesus pede que se faça o memorial dele, não apenas da última ceia, mas também de sua pessoa e da sua missão.

Como na *anamnese* o agora e o hoje se fundem, a celebração da Eucaristia é um encontro real com Jesus Cristo e sua história. Cristo mesmo, com tudo o que Ele fez por nós e por toda a criação em sua encarnação, em sua condição de servo, em seu ministério, em seu ensino, em seu sofrimento, em seu sacrifício, em sua ressurreição e em sua ascensão e no envio do Espírito Santo está presente nessa *anamnese* ou memorial, garantindo-nos a comunhão com Ele mesmo.

O caráter de *anamnese* da Eucaristia nos diz que a fé cristã é uma fé que se refere à história. A celebração cristã não celebra (pelo menos não apenas celebra) o eterno retorno do Cristo, mas a autocomunicação de Deus que ocorreu na história; além disso, celebra-a não apenas na forma de uma simples recordação, mas na forma de uma re-atualização do que foi historicamente começado. Portanto, a tradição desempenha um papel indispensável na pregação (Cf. 1Cor 11,23; 15,3)²¹.

Em termos sucintos, podemos dizer que o conceito de memorial implica três coisas: 1) a memória, a recordação de um fato historicamente acontecido; 2) a re-atualização ou re-apresentação desse evento e 3) ser partícipe da graça daquele evento, conformando sua vida a d'Ele.

O Catecismo da Igreja Católica destaca o significado do memorial com estas palavras:

No sentido da Sagrada Escritura, o memorial não é somente a lembrança dos acontecimentos do passado, mas a proclamação das maravilhas que Deus realizou por todos os homens. A celebração litúrgica desses acontecimentos os torna, de certo modo, presentes e atuais. É desta maneira que Israel entende sua libertação do Egito: toda vez que é celebrada a Páscoa, os acontecimentos do êxodo tornam-se presentes à memória dos crentes, para que estes conformem sua vida a eles (CIC 1363).

Mas o memorial do sacrifício de Cristo não faz aquele sacrifício apenas presente na memória, mas o faz verdadeiramente presente. Isso ocorre

²¹ Cf.: MOSSO Domenico, *Riscoprire l'Eucaristia*. Alba: San Paolo, 1993, pp. 72-89.

porque o sacrifício de Cristo foi oferecido de uma vez por todas na cruz e sempre permanece atual.

De fato, lemos na carta aos hebreus:

Jesus, porém, uma vez que permanece para sempre, possui um sacerdócio que não passa. Por isso, ele tem poder ilimitado para salvar aqueles que, por seu intermédio, se aproximam de Deus, já que está sempre vivo para interceder por eles. Tal é precisamente o sumo sacerdote que nos convinha: santo, inocente, sem mancha, separado dos pecadores e elevado acima dos céus. Ele não precisa, como os sumos sacerdotes, oferecer sacrifícios a cada dia, primeiro por seus próprios pecados e depois pelos do povo. Ele já o fez uma vez por todas, oferecendo-se a si mesmo (Hb 7,24-28).

Por isso, o Catecismo da Igreja Católica diz que “quando a Igreja celebra a Eucaristia, rememora a páscoa de Cristo, e essa se torna presente” (CIC 1364) e recorda também que “todas as vezes que se celebra no altar o sacrifício da cruz, pelo qual Cristo nessa páscoa foi imolado, efetua-se a obra de nossa redenção” (LG 3).

Considerações finais: a mesa escatológica

Quando o apóstolo Paulo ensina os cristãos de Corinto sobre a Eucaristia desejada por Jesus e ordena a eles como deve ser celebrada, ele escreve: “De fato, todas as vezes que comerdes desse pão e beberdes desse cálice, proclamais a morte do Senhor, até que ele venha (*donec veniat*)” (1Cor 11,26). Desse modo, limita a celebração eucarística e lhe dá uma orientação decisiva: será celebrada até que o Senhor venha, até que venha na glória do Cristo, até que o Reino de Deus seja instaurado de forma definitiva. Aqui está a orientação escatológica da celebração eucarística, por isso cantamos com o coração: “Anunciamos, Senhor a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição, vem Senhor Jesus” (*Donec venias*). É por isso que, após a *anamnese* da instituição eucarística, as antigas eucaristias previam a invocação: “*Marana tha!*” (Didaché 10,6; 1Cor 16,22), “Vem, Senhor Jesus!” (Ap 22,20), “Vem logo!”.

No fim dos tempos, a Eucaristia não será mais celebrada com pão e vinho, mas será celebrada por toda a humanidade, que agradecerá a Deus por criá-la e salvá-la. A imagem que nós humanos podemos manter diante de nós é sempre a de um “pão do céu” (Ex 16,4; Sl 78,24; Jo 6,31.32; cf. também 6,41.50-51), de um “vinho novo” (cf. Mc 14,25; Mt 26,29). Mas pão e vinho serão no Reino a inebriante comunhão com o amor de Deus: seremos o amor em Deus, porque somos amados ao extremo por Ele (cf. Jo 13,1), salvos por Ele e, ressuscitados com Cristo, tornamo-nos filhos no Filho, sentados à sua direita no Reino eterno. Jesus nos prometeu: “Eu disponho para vós do Reino, como meu Pai dispôs dele para mim. Havereis de comer e beber à minha mesa, no meu Reino” (Lc 22.29-30).

Este banquete do Reino, no entanto, não será reservado apenas para os discípulos, porque Jesus também profetizou que “muitos virão do oriente e do ocidente e se sentarão à mesa do Reino dos Céus, junto com Abraão, Isaque e Jacó” (Mt 8,11; cf. Lc 13,29). Com essa promessa, Jesus renova aquelas feitas pelos profetas, que, para descrever o Reino de Deus definitivamente instaurado e para fornecer uma imagem do reino messiânico, falavam de banquetes que despertavam desejo, que faziam os pobres crenes, muitas vezes famintos, sedentos ou penuriosos, sonharem. Para citar apenas um dos textos mais luminosos, àqueles pobres que em sua pobreza clamavam ao Senhor, àqueles curvados (*‘anawim*), àqueles miseráveis (*‘anyim*) forçados a sempre dizer “sim” aos poderosos, Isaías promete: “O Senhor dos exércitos prepara para todos os povos, neste monte, um banquete de carnes gordas, um banquete de vinhos finos, de carnes suculentas com tutano e vinhos depurados” (Is 25,6).

Aqui está a nossa grande esperança, a esperança do banquete do Reino; por essa razão, dizemos: “Felizes os convidados para a ceia do Senhor”, ou mesmo: “Bem-aventurado quem tomar refeição no Reino de Deus!” (Lc 14,15). Enquanto isso, certamente, devemos louvar ao Senhor pelo pão que lhe pedimos e que Ele nos dá diariamente (cf. Mt 6,11; Lc 11,3) como Coélet adverte: “Nada é melhor para alguém do que comer e beber, e exibir os frutos de seus trabalhos: e vejo que isso vem da mão de Deus” (Ecl 2,24). Além disso, devemos também vigiar para ouvir os convites para a mesa do

Senhor: “Bem-aventurados os convidados para o banquete das núpcias do Cordeiro” (Ap 19,9); para responder ao Senhor que diz: “Eis que estou à porta e bato. Se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, eu entrarei em sua casa e tomarei refeição com ele, e ele comigo” (Ap 3,20).

No entanto, a visão escatológica cristã passa por uma convicção: a vinda do Senhor. Sua vinda enche de esperança aqueles que creem e serve de critério para as decisões que se devem tomar entre o “já” e o “ainda não”. O crente conhece a palavra de Deus sobre o futuro, aposta nela e orienta por ela a própria vida. Mas a construção do Reino já tem início aqui e agora na vida de cada um que se compromete com o projeto desse Reino. Se produzimos tantos alimentos e temos umas poucas mesas fartas e tantos irmãos que passam fome, esse reino ainda não chegou.

Diante dessa realidade, quero concluir trazendo para nossa reflexão algumas situações que demonstram que ainda estamos distantes da verdadeira compreensão da Eucaristia. Com a pandemia de *coronavírus* e seus efeitos econômicos, o Brasil caminha para voltar ao Mapa da Fome. Estima-se que no Brasil, cerca de 5,4 milhões de pessoas passem para a extrema pobreza em razão da pandemia. O total chegaria a quase 14,7 milhões até o fim de 2020, ou 7% da população, segundo estudos do Banco Mundial. O Brasil havia saído do Mapa da Fome em 2014, mas está caminhando a passos largos para voltar. Sinal de que o Senhor ainda continua passando fome em nossos irmãos! Mas muitos reivindicam: “bispos devolvam nossas missas!” E esquecem dos irmãos que passam fome.

Também nestes tempos de contenção do contágio e de restrições para enfrentar a pandemia, um dos elementos que marcam profundamente a vida de cada fiel e das comunidades cristãs é a impossibilidade, para muitos, de poderem participar da celebração da Eucaristia. Sem ter sido pensado e até mesmo programado, estamos testemunhando uma súbita transmutação de celebração da Eucaristia. O que era excepcional se tornou uma espécie de hábito recomendado: acompanhar a celebração através da mídia e, em particular, *transmissão*. Para muitos, “ir à missa” tornou-se um “colocar-se na frente da tela”, seja ela pequena ou grande, pessoal ou compartilhado com outras pessoas. Alguém me disse que após a primeira dificuldade para

renunciar à participação física na liturgia indo à Igreja, está descobrindo a positividade dessa diferente modalidade não tanto pela comodidade, mas pela concentração e qualidade da celebração.

A discussão dos teólogos e, particularmente, dos liturgistas acendeu-se com razão. Os pontos sobre os quais a inteligência teológica se sente compelida a não deixar o campo aberto são basicamente dois²². O primeiro é o sentido não apenas objetivo, mas naturalmente intersubjetivo e, portanto, eclesial da celebração da Eucaristia, que de certo modo, senão negado, ao menos se fragiliza quando se celebra sem convocar o povo de Deus. É oportuno destacar o risco de que a situação particular criada pela pandemia se transforme em um retrocesso e conduza a sensibilidade e a prática de volta à postura pré-conciliar. A lenta passagem do *comer* ao se contentar em *olhar* para a Eucaristia.

O segundo é a modalidade de participação e sua real “sacramentalidade” quanto à opção de *streaming*. Quanto à participação de casa, embora o verbo participar seja impróprio, visto que a plena participação na vida sacramental só se dá pela presença real do fiel. Pode ser útil lembrar que os gestos sacramentais favorecem uma participação efetiva na oração. Do contrário, o risco é ir à missa como se estivesse na frente do seu computador ou smartphone: fazendo outras coisas, cozinhando, batendo papo, limpando a casa, chateando (no chat). O grande perigo é o de um “vírus litúrgico” começar a vagar imperturbável, correndo o risco de infectar e infestar não só a prática ritual e sacramental, mas também a *mens* teológica, espiritual, pastoral e testemunhal.

Referências

ALDAZÁBAL J., *A Eucaristia*. In: BOROBIO D. *A celebração na Igreja II*. Sacramentos. São Paulo: Loyola, 1993, p. 143-361.

CROCE V., *Il Sacramento dell'Alleanza*. Soteriologia ed Eucaristia. Torino: EDC, 1997.

²² Cf. Rivista di Pastorale Liturgica, numero speciale (marzo 2020).
Fronteiras, Recife, v. 3, n. 2, p. 297-330, jul./dez., 2020

DE VAUX R., *Les Instititipns de l'Ancien Testament*, II. Paris: Cerf, 1982.

FRANCISCO, Mensagem do papa Francisco para o encontro de representantes nacionais e internacionais reunidos em Milão dedicado às “ideias de expo-2015”. Em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/pont-messages/2015/documents/papa-francesco_20150207_video-messaggio-expo-milano.html

FRANCISCO, Homilia do papa Francisco na missa de abertura da Assembleia Geral da Caritas Internationalis. Em: https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2015/documents/papa-francesco_20150512_omelia-assemblea-generale-caritas-internationalis.html

FERREIRA, Aurélio B. de H. *Novo Aurélio Século XXI: Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIRAUDO C., *Num só corpo*. Tratado mistagógico sobre a eucaristia. São Paulo: Loyola, 2003, 509-512.

MOSSO D., *Riscoprire l'Eucaristia*. Alba: San Paolo, 1993.

MÜLLER G. L., *Dommatica cattolica*. Per lo studio e la prassi della teologia. Cinisello Balsamo: San Paolo, 1999.

NEUNHEUSER, B. Memorial. Em: SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (org.). *Dicionário de Liturgia*. São Paulo: Paulinas, 1992, 723-736.

NOCKE F.-J., *I Singoli Sacramenti*, in Nuovo Corso di Dogmatica, Vol II. Brescia: Queriniana, 1995.

ROCCHETTA C., “*Universa nostra caritas est eucaristia*”. Per una teologia dell'eucaristia come teologia della comunione e del servizio. Bologna: EDB, 1993.

ROCCHETTA C., *Il Sacramento dell'Eucaristia*. Em: FLORIO M. - ROCCHETTA C. (Edd.), *Sacramentaria Speciale I*. Battesimo, confermarzione, eucaristia. Bologna: EDB, 2004, pp. 191-335.

SESBOUÉ B., *História dos Dogmas*. Os sinais da Salvação, tomo 3. São Paulo: Loyola, 2013.

SARTORE D., *Il sacramento dell'Eucarestia, in Catechismo della Chiesa Cattolica*. Testo integrale e commento teológico. Casale Monferrato: Piemme, 1993.

TABORDA, F. *O memorial da Páscoa do Senhor: ensaios litúrgico-teológicos*

sobre a eucaristia. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2015.

TESTA B., *I sacramenti della Chiesa*. Milano: Jaca Book, 2001.

Trabalho submetido em 29/09/2020.

Aceito em 17/11/2020.

Washington da Silva Paranhos

Doutor em Teologia com especialização em Liturgia e Sacramentária pela Universidade Pontifícia Salesiana de Roma (2017), professor de Teologia Sistemática atuando nos programas de Graduação e de Pós-graduação em Teologia na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia - FAJE. Email: wparanhossj@gmail.com